

“A escola não deve ser meramente instrumental. Ela também o é; mas o essencial é que um estudante sinta, ao longo do seu percurso, que é bom estudar porque é bom estudar; é bom saber porque é bom saber; porque ficamos mais ricos como pessoas, nos planos ético, moral, sensorial, emocional e racional. “

Gomes (2006)

Trazer o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular para a sala de aula: da teoria à prática.

Com este texto pretendemos narrar uma experiência que vivemos com os nossos alunos, numa aula de Inglês, com uma turma do sétimo ano de escolaridade, o sétimo A. Deixamos assim o nosso testemunho de um dos momentos em que procurámos fazer de forma diferente, inspirados pela leitura que fomos fazendo dos documentos orientadores deste projeto a que a nossa escola aderiu, o PAFC.

Acreditando nos benefícios do uso de vídeo educacional na sala de aula enquanto recurso dinâmico para apoiar os currículos, decidimos negociar com os alunos da nossa turma de Inglês do sétimo ano a realização de uma atividade em grupo, uma vez por semana. Com o objetivo de envolver os alunos num processo mais prático de aprendizagem, o vídeo pareceu-nos o recurso mais atraente e mais adequado para despertar o interesse e o prazer do que o texto do manual adotado.

Usando visão e som, o vídeo parece-nos o meio perfeito para alunos em geral, e para os do sétimo ano em particular, que são, cada vez mais, aprendentes visuais e auditivos. Com o uso adicional de legendas, no caso particular desta aula de Inglês, cada aluno tem a opção de ver, ouvir ou ler cada apresentação. Constatámos que o vídeo estimula e envolve os discentes, ajudando a manter a atenção dos mesmos por períodos mais longos de tempo. A “análise” do vídeo permitiu criar uma experiência de contacto quase direto com as vidas e culturas das pessoas que vivem no Reino Unido - professores que entraram na nossa sala de aula - ouvindo as suas rotinas ao mesmo tempo que acompanhavam as legendas em inglês. Trata-se também de uma experiência sensorial que permite trabalhar conceitos e conteúdos através de uma experiência de ensino-aprendizagem partilhada entre os dois atores educativos a nível micro: aluno e professor. Com os alunos organizados em grupos de três, dos quais um é eleito líder para favorecer uma gestão mais eficaz das estratégias de aprendizagem em descoberta,

descobrimos alunos muito mais interessados e envolvidos dada a possibilidade de interação e intervenção nesta “sessão” de aprendizagem partilhada. Importa, talvez, salientar as condições acordadas para o exercício de liderança no seio do grupo e que estão relacionadas com o facto de o aluno ser capaz de envolver todos os elementos na realização de tarefas, de organizar consensos, de contribuir para um clima de aprendizagem cooperativa e colaborativa pela descoberta na ação de investigação dos documentos e ferramentas disponibilizadas. Assim, ficou desde logo acordado que o líder que não conseguisse ajudar o grupo “poderia” perder a liderança para outro elemento do mesmo que se revelasse mais capaz de atingir esses objetivos.

Ultrapassada uma primeira fase de adaptação a esta estratégia de ensino-aprendizagem, observámos que os alunos trabalhavam ao seu próprio ritmo, evidenciando a capacidade de parar, refletir e “rebobinar”, sempre que um elemento do grupo sentia necessidade de rever algo. Constatámos também que se ajudavam mutuamente, aproveitando sugestões da professora e de outros elementos do grupo, organizando o vocabulário em tabelas, as ideias em esquemas, enfim, aquilo que poderia ser feito no quadro, com a ajuda da professora, estava a surgir, naturalmente, ao ritmo de cada um, só que desta vez, com todos os alunos mais empenhados e comprometidos com as tarefas.

A professora foi depois desafiada a deixar os alunos avançar para a criação de vídeos sobre a *Daily Routine*, na aula de TIC. Será, para além de mais uma oportunidade de verificar se os alunos compreenderam conceitos e vocabulário-chave, uma forma de garantir a aplicação prática dos conteúdos lecionados, a ligação da escola à vida dos alunos, a garantia de uma maior interdisciplinaridade ao transportar as atividades para outras aulas, espaços e contextos, dado que a proposta final tem como produto uma sessão de partilha dos vídeos com os pais, no cineclube de Amarante.

A presença e o apoio da professora são reduzidos a uma dimensão de intervenção mínima dado que se incentivou a autonomia dos alunos com o recurso a ferramentas de apoio disponíveis *online*, a saber: o uso interativo de um glossário e de um dicionário. Para o passo seguinte, sugerimos a ferramenta gratuita *GoAnimate* e reiteramos a palavra - o importante é abrir caminhos à criatividade e capacidade de inovação dos alunos.

Quisemos dar aos alunos a oportunidade de, a partir do vídeo que colocámos no computador de cada grupo, decidir como apreender os conteúdos aí implicados e descobrimos, não só que ritmos de aprendizagem tínhamos naquele grupo turma, mas também como interagiam entre si e, sobretudo, como é que cada aluno aprendia melhor, como ultrapassava dificuldades a nível de vocabulário, entre outros aspetos.

Quisemos investir o tempo aula para descobrir como os alunos gostam de aprender e constatámos que, inspirados por esta vontade de fazer sentir que estamos no PAFC, iniciámos um ciclo de aprendizagem colaborativa em que cada aluno do grupo é incentivado e estimulado a descobrir como ser mais interventivo no seu processo de ensino -aprendizagem. Certo é que, ao longo do processo, há tempo para o debate sobre as metodologias escolhidas para abrir caminho à construção de conhecimento. A qualidade do feedback da professora, sempre centrada no processo, é a fonte de energia que alavanca o querer fazer, querer conseguir e a descoberta de que, afinal, aprender é bom, sabe bem e consegue-se com trabalho. A avaliação centrada no processo é, naturalmente, formativa e, a cada aula, difícil é convencer os discentes que temos que encerrar o projeto e partir para outro, pois as ideias surgem como em bola de neve dado que, logo depois, os alunos propuseram uma apresentação de vídeos comentada para explicar o quê e o porquê das opções feitas até chegar ao produto final. Certo, diz a professora, mas não se esqueçam que tudo será escrito e dito em inglês, ou não tivesse a professora instalado a aplicação fictícia NPAA (*No Portuguese At All*).